



## **ETHOS INFECCIOSO: A RETÓRICA NEGACIONISTA E O FRACASSO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**DOI: 10.5281/zenodo.18110932**

Adriano Menino de Macêdo Júnior<sup>1</sup>  
Renato da Silva Pereira<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este estudo explora como os discursos do ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub, atuam como um *ethos infeccioso* metafórico, contribuindo para a perpetuação do fracasso escolar no Brasil. Baseado nos conceitos de *ethos* de Aristóteles e em contribuições teóricas contemporâneas de Aragão (2013) e Macêdo Júnior (2024), o estudo analisa como discursos negacionistas podem ser comparados a agentes patogênicos que corrompem o sistema educacional. Weintraub promoveu narrativas que desqualificam práticas educacionais estabelecidas e questionam dados científicos, contribuindo para a deslegitimação e descredibilidade da educação brasileira. A metodologia adotada foi descritiva (Gil, 2002) e comparativa, analisando discursos de Weintraub durante seu mandato. A análise evidenciou que as declarações do ex-ministro funcionam como agentes etiológicos que introduzem uma infecção no sistema educacional, corroendo sua estrutura e promovendo desinformação e polarização. Exemplos incluem a desvalorização de universidades e ataques a figuras como Paulo Freire, criando um ambiente de desconfiança e hostilidade. Essas retóricas não só desviam a atenção dos problemas reais da educação, como também dificultam a implementação de soluções eficazes, perpetuando o fracasso escolar. Utilizando as teorias de Maingueneau (1993) e Charaudeau (2008), a pesquisa demonstrou que o *ethos* construído por Weintraub desvaloriza a educação pública e estigmatiza estudantes e professores. Ao comparar esses discursos a uma infecção biológica, o estudo revela como eles podem gerar comportamentos prejudiciais e desviar recursos de questões críticas do sistema educacional. Para combater essa infecção discursiva, é crucial promover um ambiente educacional baseado em evidências científicas e identificar e neutralizar os vetores de desinformação, contribuindo para uma educação pública mais robusta e inclusiva.

**Palavras-chaves:** Fracasso Escolar. *Ethos*. *Ethé*. Discurso.

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio Grande do Norte



## INTRODUÇÃO

Este estudo encontra suas raízes no século V, com o filósofo Aristóteles, que, em sua obra *Retórica*, propõe que a “retórica ocupa-se da arte da comunicação, do discurso feito em público com fins persuasivos” (Aristóteles, 2005, p. 33). Assim, a “retórica é, pois, uma forma de comunicação, uma ciência que se ocupa dos princípios e das técnicas de comunicação. Não de toda a comunicação, obviamente, mas daquela que tem fins persuasivos”. Posteriormente, a arte da eloquência aristotélica dividiu a retórica em três pilares: *ethos*, *logos* e *páthos*: “os meios artísticos de persuasão são três: os derivados do caráter do orador (*ethos*); os derivados da emoção despertada pelo orador nos ouvintes (*páthos*), e os derivados de argumentos verdadeiros ou prováveis (*logos*)” (Aristóteles, 2005, p. 33). Nesse sentido, o *ethos* seria um dos pilares que fundamentam o presente estudo, haja vista que esse pilar se refere à credibilidade do orador, sendo particularmente relevante na análise do discurso político, pois se relaciona com a confiança e a autoridade percebidas pelo público em relação ao comunicador.

Consequentemente, essa concepção aristotélica é especialmente pertinente quando consideramos o cenário atual da educação no Brasil, que enfrenta desafios históricos, com índices de desempenho escolar frequentemente aquém do desejado. Nos últimos anos, discursos anticientíficos têm ganhado espaço no cenário político, exacerbando problemas já existentes. O ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub, tornou-se uma figura emblemática nesse contexto, promovendo narrativas que questionam dados científicos e desqualificam práticas educacionais estabelecidas. Dessa forma, a questão que surge é: como esses discursos contribuem para a perpetuação e intensificação do fracasso escolar no Brasil? De que maneira os discursos negacionistas do ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub, atuam como um “*ethos* infeccioso” metafórico, agravando o fracasso escolar no sistema educacional brasileiro?

Ademais, o estado da arte deste estudo fundamenta-se em duas contribuições teóricas distintas, mas complementares: o conceito de *ethos* de gênero de Verônica Aragão (2013) e a metáfora da infecção discursiva proposta por Macêdo Júnior (2024).

Em sua *tese*, Aragão (2013) aborda de maneira inovadora a noção de *ethos*, introduzindo o conceito de *ethos* de gênero. Nessa lógica, Aragão (2013) argumenta que as representações sociais de gênero no discurso midiático refletem predicativos historicamente atribuídos às mulheres, como passividade, afetividade, fragilidade/força, estética e sedução. Essas representações perpetuam estereótipos prejudiciais à equidade de gênero e necessitam ser identificadas e combatidas.

A autora também propõe que o *ethos* de gênero deve ser incluído como uma categoria de análise nos estudos de *ethos*, ao lado de outras categorias como os *ethé* de credibilidade: sério, virtude e competência; e os *ethé* de identificação: potência, caráter, inteligência, humanidade, chefe e solidariedade. Tal proposta visa contemplar os atributos femininos no discurso, especialmente quando se trata de figuras públicas, como a presidente Dilma Rousseff, analisada em sua *tese*. Compreender o *ethos* de gênero é essencial para uma análise crítica e contextualizada do discurso, pois permite identificar e questionar as construções sociais e culturais que moldam a percepção das mulheres na sociedade.

Por outro lado, Macêdo Júnior (2024), por sua vez, explora a metáfora da infecção para analisar o impacto do discurso negacionista, argumentando que este tipo de discurso pode ser compreendido como uma infecção discursiva. Assim, o autor traça um paralelo entre a transmissão de agentes patogênicos e a disseminação de ideias negacionistas, destacando que o discurso negacionista encontra no ser humano seu reservatório principal, sendo disseminado tanto por contato direto quanto indireto. Diante disso, Macêdo Júnior (2024) afirma que os discursos negacionistas atuam como agentes infecciosos que germinam dúvidas, desconfiança e hostilidade em relação a medidas de saúde pública e ciência estabelecida. Quando propagado em larga escala, esse discurso pode resultar em consequências graves para a sociedade, como a diminuição da adesão às medidas de saúde pública e o aumento da hesitação vacinal.

Sob essa ótica, observa-se que a combinação dessas abordagens teóricas oferece uma perspectiva robusta e multifacetada para a análise do *ethos* infeccioso no contexto

educacional brasileiro. A proposta de Aragão (2013) sobre o *ethos* de gênero complementa a análise de Macêdo Júnior (2024) ao fornecer um *framework* para entender como as construções sociais de gênero podem influenciar a percepção e a credibilidade de figuras públicas, especialmente em contextos midiáticos e políticos. Por outro lado, a metáfora da infecção discursiva de Macêdo Júnior (2024) oferece uma perspectiva inovadora para compreender a propagação e os efeitos dos discursos negacionistas. Assim, a combinação dessas abordagens permite uma análise mais abrangente do impacto dos discursos políticos sobre a educação e a sociedade, destacando a importância de combater esses discursos para promover um ambiente educacional saudável e baseado na ciência.

Esses estudos, ao serem integrados, oferecem uma perspectiva rica e detalhada para a análise do discurso no contexto educacional e político, proporcionando ferramentas teóricas e metodológicas para investigar como os discursos podem atuar como agentes infecciosos que perpetuam e intensificam o fracasso escolar no Brasil. Destarte, o presente estudo tem como objetivo fundamentar e defender a *tese* de que existe um “*ethos infeccioso*” metafórico do fracasso escolar que permeia a educação no Brasil. Para isso, utilizar-se os discursos negacionistas do ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub, como *corpus*. Logo, este estudo busca demonstrar como esses discursos atuam como agentes infecciosos, contribuindo para a perpetuação e intensificação das falhas no sistema educacional. Além disso, pretende-se ainda corroborar a ameaça iminente representada por esses discursos, analisando-os como *modus operandi* de uma retórica potencialmente destrutiva/infecciosa.

## A NOÇÃO DE *ETHOS*

O conceito de *ethos* tem suas raízes na Antiguidade com Aristóteles e hoje é amplamente discutido em várias áreas do conhecimento, especialmente nos estudos da linguagem. Aristóteles, em sua obra *Arte Retórica* e *Arte Poética*, foca na persuasão e compara retórica e dialética, destacando suas semelhanças e diferenças. Ele identifica

três tipos de provas fornecidas pelo discurso: o caráter moral do orador, as disposições criadas no ouvinte e o próprio discurso, pelo que ele demonstra ou parece demonstrar. Esta tríade é conhecida como *ethos*, *logos* e *páthos*. Desse modo, Aristóteles considerava o caráter moral do orador, o *ethos*, como a prova determinante por excelência. Ele atribui três elementos essenciais ao discurso: 1) a pessoa que fala (*ethos*); 2) o assunto de que se fala (*logos*); 3) a pessoa a quem se fala (*páthos*) (Aragão, 2013). Por esse lado, o *ethos* é fundamental na construção da credibilidade e na eficácia persuasiva do discurso, sendo um conceito central nos estudos retóricos e linguísticos contemporâneos.

Na sequência, de acordo com Amossy (1999) “Aristóteles se aparta de seus antecessores, especificamente de Platón (Gorgias) e Isócrates (Antídosis)”, segundo os quais a influência do orador está condicionada a sua vida real. Logo, a Retórica latina se inspira em Isócrates e considera o *ethos* “como algo preexistente que se apoya en la autoridad individual e institucional del orador (la reputación de su familia, su estatus social, lo que se sabe de su modo de vida, entre otros elementos)” (Amossy, 1999, p. 6). Entretanto, Quintiliano defende que só um homem de bem pode ser um bom orador, enquanto Cícero define um bom orador como um homem de caráter e com capacidade de manejo com as palavras.

Mais tarde, no Renascimento, a Retórica se torna centro de estudos poéticos, e contribui para o desenvolvimento da teoria dos tropos. Na segunda metade do século XX, Perelman y Olbrechts-Tyteca, retomam a perspectiva persuasiva, denominando de *O tratado da argumentação: A nova retórica*, que remete para as condições do orador, crenças e valores do auditório para construir uma imagem confiável de si. Barthes também se debruça sobre o estudo do *ethos*, definindo-o como “aquellos rasgos de carácter que el orador debe mostrar al auditorio, independientemente de su sinceridad, para causar una impresión favorable”, conforme destaca Amossy (1999, p. 1).

Acrescenta-se a essa discussão as ideias de Maingueneau (1993), um renomado pesquisador do discurso. Esse pensador sistematizou inúmeros recursos linguísticos

essenciais para a análise de textos, como as marcas autonímicas, destacando sempre a preocupação com os sentidos implícitos dessas marcas, ou seja, com o que é dito sem ser explicitado. Segundo M. Pêcheux, citado por Maingueneau (1993), a análise do discurso se propõe a “apenas construir procedimentos que exponham o olhar leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito”. Nesse contexto, Maingueneau retoma o conceito de *ethos* proposto por Aristóteles e o adapta à análise do discurso contemporânea.

Ele reconhece a relevância de examinar como o caráter do orador (*ethos*) é construído e percebido no discurso atual, oferecendo novas perspectivas sobre os estudos da linguagem. Nas palavras de Maingueneau (1993, p. 45), o *ethos* é fundamental para entender as estratégias discursivas e os efeitos de sentido produzidos nos textos. Assim, Maingueneau (1993) redefine o estatuto do *ethos* no interior da Análise do Discurso, distanciando-o de abordagens que o vinculam a escolhas individuais e intencionais do enunciador. Nessa lógica, o autor supramencionado (1993, p. 45) afirma:

A Análise do Discurso, entretanto, só pode integrar a questão do *ethos* retórico, realizando um duplo deslocamento. Em primeiro lugar, precisa afastar qualquer preocupação “psicologizante” e “voluntarista”, de acordo com a qual o enunciador, à semelhança do autor, desempenharia o papel de sua escolha em função dos efeitos que pretende produzir sobre seu auditório. Na realidade, do ponto de vista da Análise do Discurso, esses efeitos são impostos, não pelo sujeito, mas pela formação discursiva. (...) o que é dito e o tom com que é dito são igualmente importantes e inseparáveis.

Nesse sentido, compreende-se que o *ethos* resulta das condições de produção e das determinações da formação discursiva, ele é constituído na enunciação, e não apenas representado no enunciado, manifestando-se tanto no que se diz quanto na forma como se diz. Desse modo, analisar o *ethos* implica examinar o cenário enunciativo, o posicionamento discursivo do enunciador e as coerções históricas que orientam sua fala, o que reforça a relevância desse conceito para a compreensão dos efeitos de sentido no discurso. A concepção antiga atribuía à imagem do sujeito enunciador apenas seu

propósito comunicativo. No entanto, os estudos atuais, especialmente da pragmática, consideram diversos outros aspectos que influenciam a interação. A própria interação e o posicionamento do enunciador podem se modificar conforme as respostas e a aceitabilidade do interlocutor.

Além disso, fatores como o momento, as condições de produção e os objetivos também influenciam a imagem do enunciador. A distinção entre enunciado e enunciação é crucial para os estudos de *ethos*. Enquanto alguns autores investigam o *ethos* na superfície textual, ou seja, no enunciado, outros procuram suas marcas nos elementos subentendidos que apontam os sujeitos do discurso, portanto, na enunciação. Esta pesquisa se propõe a esclarecer esses aspectos, destacando como o *ethos* pode ser analisado tanto na dimensão explícita quanto na implícita do discurso. Na retórica clássica, predominava a palavra viva, integrando o discurso ao aspecto físico do orador, incluindo gestos e entonação. Assim, esse enfoque destacava a performance do orador como parte essencial da comunicação persuasiva. Conforme Maingueneau (1993, p. 45), entendia-se por *ethé*:

as propriedades que os oradores se conferiam implicitamente, através de sua maneira de dizer: não o que diziam a propósito deles mesmos, mas o que revelavam pelo próprio modo de se expressarem. Aristóteles distinguia desta forma *phrônesis* (ter o aspecto de pessoa ponderada) *Arete* (assumir a atitude de um homem de fala franca, que diz a verdade crua), *eunóia* (oferecer uma imagem agradável de si mesmo), etc.

Observa-se, portanto, que o conceito tradicional focava em um sujeito físico e real, ao contrário dos estudos contemporâneos que se concentram no texto/discurso, especialmente no formato escrito. Assim como, Maingueneau (1993, p. 46) aproveita os conceitos de tom e de corporalidade, advindos da antiguidade, definindo-os como: “o tom está necessariamente associado a um caráter e a uma corporalidade. O “caráter” corresponde a este conjunto de traços “psicológicos” que o leitor-ouvinte atribui espontaneamente à figura do enunciador, em função de seu modo de dizer. (...) “corporalidade”, que remete a uma representação do corpo do enunciador da formação



discursiva”. Verifica-se, portanto, um *ethos* discursivo, mas que leva para o texto suas características da vida social.

O conceito de tom relaciona-se ao conteúdo pertinente ao enunciador, incluindo seu papel social e características de caráter, manifestadas no enunciado ou na enunciação, através de uma corporalidade que se reflete nas marcas textuais, explícitas ou implícitas. Contudo, essa compreensão do tom não esclarece plenamente o conceito de *ethos*, deixando em aberto se se trata de um sujeito estritamente discursivo ou real. Maingueneau (2005, p. 98) oferece uma explicação ao afirmar que “o tom dá autoridade ao que é dito. Esse tom permite ao leitor construir uma representação do corpo do enunciador (e não, evidentemente, do corpo do autor efetivo). A leitura faz, então, emergir uma instância subjetiva que desempenha o papel de fiador do que é dito”. Dessa forma, mesmo considerando as marcas externas desse *ethos*, elas só podem ser reconhecidas através do discurso. Outro conceito crucial apresentado por Maingueneau (2005, p. 71) que contribui para a construção do tom é o *ethos* pré-discursivo, definido como:

os enunciadores, que ocupam constantemente a cena midiática, são associados a um *ethos* que cada enunciação pode confirmar ou infirmar. De fato, mesmo que um co-enunciador não saiba de nada previamente sobre o caráter do enunciador, o simples fato de que um texto pertence a um gênero de discurso ou a um certo posicionamento ideológico induz expectativas em matéria de *ethos*.

Com efeito do supramencionado, o *ethos* pré-discursivo vai além do enunciado, apoiando-se tanto no contexto textual, como o gênero do discurso, quanto no contexto extratextual, como a situação comunicativa, que pode conferir credibilidade e legitimidade ao enunciador. Maingueneau (2005) destaca a importância do caráter enunciativo do *ethos*, separando-o do aspecto social da linguagem. A noção de fiador ilustra essa dualidade, pois, embora se refira aos elementos presentes no texto, também interage com a corporalidade que remete ao contexto externo ao texto. Assim, o *ethos* pré-discursivo abrange tanto as marcas internas do discurso quanto as influências



externas que moldam a percepção do enunciador. Nas palavras de Maingueneau (2005, p. 72):

De fato, a noção tradicional de *ethos* — como a de seu equivalente latino *mores*, “os caracteres oratórios” — recobre não somente a dimensão vocal, mas também o conjunto das determinações físicas e psíquicas atribuídas pelas representações coletivas à personagem do orador. O “fiador”, cuja figura o leitor deve construir com base em indícios textuais de diversas ordens, vê-se, assim, investido de um caráter e de uma corporalidade, cujo grau de precisão varia conforme os textos. O “caráter” corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à “corporalidade”, ela é associada a uma compleição corporal, mas também a uma forma de vestir-se e de mover-se no espaço social. Caráter e corporalidade do fiador apóiam-se, então, sobre um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apóia e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar. Esses estereótipos culturais circulam nos registros mais diversos da produção semiótica de uma coletividade: livros de moral, teatro, pintura, escultura, cinema, publicidade (Maingueneau, 2005, p. 72).

Compreende-se que a definição de corporalidade abrange tanto as características formais do texto quanto seus aspectos externos, o que amplia o conceito de *ethos* para além do enunciado. Talvez a explicação para isso esteja no próprio sentido de discurso, que, para Maingueneau (2005, p. 73), “O discurso (...) é um acontecimento inscrito em uma configuração sócio-histórica e não se pode dissociar a organização de seus conteúdos e o modo de legitimação de sua cena discursiva”. Com o intuito de esclarecer o termo *ethos*, Maingueneau (2005) propõe conceitos como tom, corporalidade, fiador, *ethos* pré-discursivo e *ethos* dito e mostrado. Essas definições oferecem uma abordagem abrangente para compreender como a imagem do enunciador é construída, considerando os elementos presentes tanto no texto quanto na situação comunicativa. Desse modo, investigar todos os elementos da cena enunciativa é fundamental para compreender os efeitos de sentido e suas inter-relações. Nesse sentido, Maingueneau (2005, p. 70) afirma que:

Em termos mais pragmáticos, dir-se-ia que o *ethos* se desdobra no registro do “mostrado” e, eventualmente, no do “dito”. Sua eficácia decorre do fato de

que envolve de alguma forma a enunciação sem ser no enunciado. Ducrot reformula-o assim em sua teoria “polifônica” da enunciação: (...) o *ethos* é ligado a L, o locutor enquanto tal: é como fonte da enunciação que ele se vê dotado de certos caracteres que, em correspondência, tornam essa enunciação aceitável ou recusável.

Assim, o conceito de *ethos* envolve uma complexidade intrínseca, exigindo a consideração de várias perspectivas, tanto no contexto do discurso quanto fora dele. Essa complexidade é evidente na distinção entre o “dito” e o “mostrado”, o que requer a análise da organização dos conteúdos e da legitimidade da cena de fala, elementos que, na prática, estão interligados (Maingueneau, 2008, p. 99). Segundo Maingueneau (2008, p. 82), “o *ethos* efetivo, aquele que, pelo discurso, os co-enunciadores, em sua diversidade, construirão, resulta assim da interação entre diversas instâncias, cujo peso varia segundo os discursos”. Logo, “a distinção entre *ethos* dito e *ethos* mostrado inscreve-se nos extremos de uma linha contínua, já que é impossível definir uma fronteira clara entre o ‘dito’ sugerido e o ‘mostrado’ não explícito” (Maingueneau, 2008).

Maingueneau (2005, p. 99) esclarece que “a qualidade do *ethos* remete, com efeito, à imagem desse “fiador” que, por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado”. Ressalta-se o que o fiador constitui-se de “caráter” e “corporalidade”, o que diferencia fiador de enunciador é a sua natureza externa ao discurso. Verifica-se que o conceito de *ethos* é mutável ao longo do tempo e das correntes de pensamento. Em *A Retórica*, de Aristóteles (2005), referia-se às virtudes morais, sendo construída a imagem do orador no discurso, não necessariamente correspondente à sua pessoa real (Maingueneau; Charaudeau, 2006, p. 220). Todavia, os latinos o interpretaram como algo preexistente, fundamentado na autoridade individual e institucional.

Atualmente, com os avanços nos estudos semânticos e pragmáticos, o conceito expandiu-se, considerando os diversos sujeitos presentes nessa imagem construída em qualquer discurso. Conclui-se, segundo Maingueneau, que o estudo do *ethos* demanda

uma metodologia que considere inicialmente o *ethos* pré-discursivo, facilitando o reconhecimento do caráter do sujeito fiador. Posteriormente, analisa-se a corporalidade desse fiador, levando em conta as pistas do enunciado e da enunciação (Aragão, 2013). Ademais, Ruth Amossy (2005) propõe um questionamento que contribui para a conceituação do termo *ethos*, o qual deve ser “considerado uma construção puramente linguageira ou uma posição institucional?” (Amossy, 2005, p. 125). A autora ancora-se no pensamento de Pierre Bourdieu para mostrar a importância do contexto externo à língua na construção do sentido.

À guisa de prosseguimento, Amossy (2005) propõe, em seus estudos, a noção de estereótipo, definido como “a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado”. Acrescenta-se que “o locutor só pode representar seus locutores se os relacionar a uma categoria social, étnica, política ou outra” (Amossy, 2005, p. 126). Ao propor o conceito de estereotipagem, ela contribui para a compreensão do *ethos*, enfatizando sua atualização durante a enunciação. Nessa perspectiva, o *ethos* seria a imagem formada por meio de um orador que “adapta sua apresentação de si aos esquemas coletivos que ele crê interiorizados e valorizados por seu público-alvo” (Amossy, 2005, p. 126). Essa abordagem difere da de Maingueneau ao considerar não apenas o contexto enunciativo, mas também os aspectos externos que influenciam a imagem do locutor durante o ato interativo.

Passando agora à perspectiva de Patrick Charaudeau, considera-se que os desdobramentos do sujeito e o contrato comunicativo estabelecido entre os interlocutores constituem um caminho metodológico pertinente para analisar a imagem discursiva construída em meio a múltiplos fatores internos e externos à língua. Assim, é preciso considerar que “o ser da palavra, quer se queira quer não, é sempre duplo. Uma parte dele mesmo se refugia em sua legitimidade de ser social, outra se quer construída pelo seu discurso” (Charaudeau, 2008, p. 64). Nesse viés, Charaudeau (2008, p. 113) esclarece que:



se o *pathos* é voltado para o auditório, o *ethos* é voltado para o orador. Enquanto *tekhnê*, ele é o que permite ao orador parecer ‘digno de fé’, mostrar-se fidedigno, ao fazer prova de ponderação (a *phronésis*), de simplicidade sincera (a *aretê*), de amabilidade (a *eunóia*). Essas categorias da retórica, abandonadas por um tempo e ocultadas a partir do século xviii por uma crítica literária que a substituiu pela estilística, reaparecem recentemente (Charaudeau, 2008, p. 113).

O autor parte da definição de Aristóteles para compreender o *ethos*, explorando os aspectos sociais relacionados ao orador, e propõe alguns questionamentos: “(i) enquanto construção da imagem de si, o *ethos* liga-se à pessoa real que fala (o locutor) ou à pessoa como ser que fala (o enunciador)? (ii) A questão da imagem de si concerne apenas ao indivíduo ou pode dizer respeito a um grupo de indivíduos?” (Charaudeau, 2008, p. 114). A primeira questão está relacionada à legitimidade do sujeito enunciador, que deriva do contexto social do orador. No presente estudo, essa legitimidade vai de acordo com o sujeito, o ex-ministro da educação, Abraham Weintraub.

Nesse sentido, essa noção de legitimidade está interligada a duas outras: credibilidade e autoridade, conceitos abordados por Charaudeau (2008), o qual aponta que, no âmbito do discurso político, a legitimidade resulta do reconhecimento, por parte dos outros, daquilo que confere a alguém o poder de dizer ou fazer algo em nome de um estatuto (como ser reconhecido por ocupar um cargo institucional), de um saber (ser reconhecido como alguém detentor de conhecimento) ou de um saber-fazer (ser reconhecido como especialista em determinada área). Nessa perspectiva, Charaudeau (2008, p. 67) ao diferenciar legitimidade de credibilidade, afirma que:

a primeira determina um ‘direito do sujeito de dizer ou de fazer’, a segunda, ‘uma capacidade do sujeito de dizer ou de fazer’. Questionar a legitimidade é questionar o próprio direito e não a pessoa; questionar a credibilidade é questionar a pessoa, uma vez que ela não apresenta provas de seu poder de dizer ou fazer (Charaudeau, 2008, p. 67).

Logo, observa-se que a credibilidade está intrinsicamente ligada ao conceito de *ethos*, pois é por meio da construção discursiva que se pode avaliar a imagem

transmitida pelo sujeito que enuncia. Por outro lado, a legitimidade se diferencia da autoridade pela submissão inerente à segunda noção. Consoante Charaudeau (2008, p. 68), “ela [a autoridade] coloca o sujeito em uma posição que lhe permite obter dos outros um comportamento (fazer fazer) ou concepções (fazer pensar e fazer dizer) que eles não teriam em sua intervenção”. De acordo com sua abordagem Semiolinguística, Charaudeau inicia uma análise que leva em conta as marcas presentes na superfície textual, visando compreender a construção do *ethos*. Isso proporciona um embasamento teórico para investigar os processos envolvidos na formação da imagem dos agentes políticos. Seu conceito de *ethos* é abrangente, contribuindo para uma metodologia mais completa na análise do discurso político:

o *ethos*, enquanto imagem que se liga àquele que fala, não é uma propriedade exclusiva dele; ele é antes de tudo a imagem de que se transveste o interlocutor a partir daquilo que diz. O *ethos* relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê. Ora, para construir a imagem do sujeito que fala, esse outro se apóia ao mesmo tempo nos dados preexistentes ao discurso – o que ele sabe a priori do locutor – e nos dados trazidos pelo próprio ato de linguagem (Charaudeau, 2008, p. 115).

Nessa concepção, compreender o *ethos* do orador requer não apenas o conhecimento sobre ele, mas também a análise de seu discurso. Charaudeau adiciona outro elemento crucial: a perspectiva dos interlocutores. Isso torna o conceito complexo, pois envolve tanto quem comunica quanto quem recebe a comunicação, e as imagens transmitidas por ambos. A credibilidade está intrinsecamente ligada à percepção dos interlocutores sobre o discurso apresentado. Desse modo, a credibilidade depende do ponto de vista de seus interlocutores sobre o discurso construído, é nesse sentido que Charaudeau (2008, p. 118) argumenta: “o *ethos* (...) diz respeito à imagem daquele que fala e que é igualmente suscetível de tocar o auditório pela possível identificação deste à pessoa do orador”. O sujeito que se expressa possui uma dupla identidade. Uma parte é sua identidade social como locutor, responsável pela legitimidade, enquanto a outra é a identidade discursiva que ele constrói para si. Logo, o conhecimento prévio sobre o

orador pode influenciar na atribuição de credibilidade ao seu discurso, conforme destacado por Charaudeau (2008, p. 119):

De maneira geral, um indivíduo pode ser julgado digno de crédito se houver condições de verificar que aquilo que ele diz corresponde sempre ao que ele pensa (condição de sinceridade ou de transparência), que ele tem os meios de pôr em prática o que anuncia ou promete (condição de performance), e que o que ele anuncia e aplica é seguido de efeito (condição de eficácia).”

Além disso, a organização das figuras identitárias no discurso político é categorizada em dois grandes grupos de *ethos*. O primeiro grupo refere-se ao discurso da razão, representado pelos *ethé* de credibilidade, enquanto o segundo grupo está relacionado ao discurso do afeto, representado pelos *ethé* de identificação. Cada um desses *ethos* compreende um conjunto de condições que contribuem para a imagem formada. Charaudeau (2008a, p. 93) explica que “a persuasão usada pelo discurso político relaciona-se com a paixão, com a razão e com a imagem. Com a paixão, pois o campo político é por excelência o lugar em que as relações de poder e de submissão são governadas por princípios passionais”. Assim, são promovidas ideias que evocam emoções, geradas por representações sociais, que se refletem na imagem das pessoas.

As categorias de análise, utilizadas por Charaudeau (2008, p. 120) na identificação da imagem que o político constrói de si, fundamentam o exame do *ethos* de Abraham Weintraub em seus discursos. Na construção do *ethé* de credibilidade (o *ethé* de credibilidade é, ao mesmo tempo, um construto e um atributo, ou mais precisamente, uma construção sobre um atributo), tem-se os seguintes *ethos*: a) o *ethos* de “sério” (abarca índices corporais e verbais; diz respeito a uma personalidade “séria” do sujeito político); b) o *ethos* de “virtude” (exige que o político demonstre sinceridade, fidelidade e honestidade); c) o *ethos* de “competência” (é julgado pela visão de conjunto do percurso político).

Além disso, A construção dos *ethé* de identificação se dá pela adesão, por meio do afeto, de um maior número de indivíduos. Segundo Charaudeau (2008, p. 137), “o

cidadão, mediante um processo de identificação irracional, funda sua identidade na do político”. Dentre as imagens que contribuem para a construção do *ethé* de identificação, algumas se voltam para si enquanto pessoa: a) o *ethos* de “potência” (resulta de ações), b) o *ethos* de “caráter” (destaca a personalidade), c) o *ethos* de “inteligência” (provoca a admiração), d) o *ethos* de “humanidade” (capaz de demonstrar sentimentos), e) o *ethos* de “chefe” direciona-se para o cidadão e d) *ethos* de solidariedade (partilha das necessidades dos outros, unindo-se a eles).

## METODOLOGIA

Com base nos efeitos introdutórios e nos objetivos propostos, o presente estudo adota um método científico descritivo para investigar o fenômeno do *ethos* discursivo presente nas declarações do ex-ministro Abraham Weintraub durante seu mandato político. Conforme definido Gil (2002, p. 42), as pesquisas descritivas como aquelas que visam descrever características de uma população ou fenômeno, estabelecendo relações entre variáveis por meio de técnicas padronizadas como questionários e observações sistemáticas.

Dessa maneira, este estudo, portanto, utiliza essa abordagem para caracterizar e analisar o *ethos* nos discursos de Weintraub. Partindo do conceito de *ethos* desenvolvido por Aristóteles, que abrange o *ethé* de credibilidade (*logos*) e de identificação (*páthos*), o estudo elabora novas categorias de análise baseadas nos teóricos Charaudeau (2008) e Aragão (2013), conforme ilustrados no quadro 2. Segundo Charaudeau (2008, p. 118) sistematiza os *ethé* em duas classes: *ethé* de credibilidade, fundamentados na razão e no que é crível, e *ethé* de identificação, baseados na emoção. Este framework é ampliado pela *tese* de doutorado de Aragão (2013), que desenvolveu o *ethos* de gênero.

Sob essa perspectiva, quando aplicado ao contexto político, podemos investigar duas categorias agregadoras dos diferentes *ethos*, presentes em um mesmo discurso. Charaudeau (2008, p. 118) sistematizo os *ethé* em duas grandes classes: os *ethé* de credibilidade, calcado na razão, naquilo que é crível, e os *ethé* da identificação, baseado



na emoção. A partir dessas estratégias discursivas, Charaudeau (2008) propõe uma classificação para o *ethos*, que como supramencionado, foi ampliada por Aragão (2013):

**Quadro 1** – Categorias de análise dos *ethé*

<b><i>Ethé</i> de credibilidade</b>	<i>Ethos</i> de “sério” <i>Ethos</i> de “virtude” <i>Ethos</i> de “competência”
<b><i>Ethé</i> de identificação</b>	<i>Ethos</i> de “potência” <i>Ethos</i> de “caráter” <i>Ethos</i> de “inteligência” <i>Ethos</i> de “humanidade” <i>Ethos</i> de “chefe” <i>Ethos</i> de “gênero” (Aragão, 2013).

**Fonte:** Criado pelos autores, adaptado de Charaudeau (2008) e Aragão (2013, p. 93).

Além do método descritivo, o estudo utiliza o método comparativo para equiparar o discurso negacionista do ex-ministro a uma infecção. A analogia com infecção, definida como a entrada e desenvolvimento de um agente infeccioso no organismo (Tortora, Funke, Case, 2012; Neves, Lane de Melo, Linardi, Almeida Vitor, 2016), ilustra como o discurso negacionista pode penetrar e influenciar o consciente coletivo. Marconi e Lakatos (2003, p. 107) destacam que o método comparativo é eficaz para verificar semelhanças e explicar diferenças entre grupos, sociedades ou comportamentos humanos. Nesse contexto, os discursos de Weintraub são analisados como uma infecção que ao entrar no consciente da população, persuade e gera comportamentos propagadores de suas ideias. No tocante ao *corpus* do estudo, o jornal *Carta Capital* selecionou alguns momentos em que o ministro da Educação passou do tom e causou vergonha geral, a produção dessa matéria foi realizada pela jornalista Ana Luiza Basílio (2019), e conseqüentemente, recortou-se os discursos que julgamos mais pertinentes a pesquisa. Ver imagem 1.

**Imagem 1** – Coletânea de discurso infecciosos do ex-ministro Abraham Weintraub contra a educação brasileira.



**Fonte:** Basílio (2019).

Para o fim metodológico, o estudo realiza um recorte sincrônico (Faraco, 2006) dos discursos negacionistas do ex-ministro sobre a educação, durante seu mandato de 8 de abril de 2019 até 23 de junho de 2020, permitindo uma análise detalhada e contextualizada do impacto desses discursos.

## ***ETHOS* DO FRACASSO ESCOLAR: ANÁLISE DOS DISCURSOS DE ABRAHAM WEINTRAUB NO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**

Ao longo de oito meses à frente do Ministério da Educação, o ministro Abraham Weintraub acumulou gafes, polêmicas, acusações infundadas e inúmeros insultos. Durante esse período, Weintraub se envolveu em diversas controvérsias, realizando acusações sem provas e cometendo erros, enquanto perseguia e provocava seus adversários. Nas redes sociais, ele insultou internautas e protagonizou cenas constrangedoras que muitos prefeririam esquecer, adotando uma postura de “meu

Twitter, minhas regras”. Weintraub comportou-se como se não fosse uma figura pública responsável perante a sociedade (Basílio, 2019).

**Tabela 1** – Novos *ethos* da infecção do fracasso escolar presentes nos discursos do ex-ministro Abraham Weintraub.

<i>Corpus</i>		Categorias de <i>Ethè</i> de efeitos de sentido	Categorias de <i>Ethè</i> de acarretamento ideológico	Categorias de <i>Ethè</i> de <i>Modus operandi</i> contemplador do fracasso escolar
<i>Ethos</i> infecioso de fracasso escolar				
1 º	“Você tem plantações de maconha, mas não são três pés de maconha, são plantações extensivas de algumas universidades, a ponto de ter borrifador de agrotóxico. Porque orgânico é bom contra a soja para não ter agroindústria no Brasil, mas na maconha deles eles querem toda tecnologia à disposição”.	Descrédibilização das Instituições Educacionais	Polarização Ideológica	Erosão da Confiança Pública
		Generalização Prejudicial	Estigmatização da Comunidade Acadêmica	Desmoralização dos Educadores
		Desvio de Foco dos Problemas Reais	Propagação de Desinformação	Desvio de Recursos e Atenção Fomento ao Desinteresse Estudantil
2 º	“Desespero na UNE”; “fim da mamata”; “adora grana/vida fácil”	Deslegitimação dos Representantes Estudantis	Estigmatização dos Estudantes	Desvalorização da Participação Estudantil
		Desencorajamento do Engajamento Estudantil	Polarização Ideológica	Desestímulo ao Diálogo e à Colaboração
3 º	“Se temos uma filosofia de educação tão boa, Paulo Freire é uma unanimidade, por que temos resultados tão ruins?”; “Tem até um mural muito feio dele no MEC, assustando a criançada que passa por lá”.	Descrédibilização da Filosofia Educacional de Paulo Freire	Desrespeito à Diversidade de Pensamento	Desvalorização de Referências Educacionais
		Desvalorização da Contribuição Pedagógica	Estigmatização do Legado Educacional de Freire	Polarização do Debate Educacional
4 º	“Eu queria só mostrar a diferença da esquerda e de quem não é de esquerda. Eu com a minha família aqui, três crianças pequenas. Nunca roubei, não sou do PT, nunca recebi bolsa, e vocês vem tentar me humilhar em frente aos meus filhos”	Desvio de Foco dos Problemas Educacionais	Estigmatização dos Críticos	Desvalorização do Diálogo e do Debate Construtivo
		Desqualificação da Crítica	Polarização do Debate Educacional	Desestímulo à Participação Cidadã
5 º	“Estou pedindo para que se coma esses três chocolatinhos e meio depois, em setembro, só isso. Isso é segurar um pouco. E agora ficam espalhando que a gente fica fechando tudo”	Desvalorização da Importância da Educação	Desprezo pela Educação Pública	Desvalorização do Investimento Educacional
		Minimização dos Desafios Educacionais	Estigmatização dos Críticos	Desvio de Responsabilidade
6 º	“Balbúrdia”	Desvalorização da Educação Superior	Estigmatização das Universidades e de seus Corpos Discentes	Desvalorização do Ensino Público
		Desestímulo à Produção Científica e Acadêmica	Polarização do Debate Educacional	Dificuldade de Acesso e Permanência na Universidade

**Fonte:** Criado pelos autores,

Em análise do *corpus* 1, primeiro discurso, que ocorreu em novembro de 2019, durante entrevista ao Jornal da Cidade Online, o ministro afirmou que as universidades federais do Brasil possuem plantações extensivas de maconha a ponto de precisar de borrifador de agrotóxico: “Você tem plantações de maconha, mas não são três pés de maconha, são plantações extensivas de algumas universidades, a ponto de ter borrifador de agrotóxico. Porque orgânico é bom contra a soja para não ter agroindústria no Brasil, mas na maconha deles eles querem toda tecnologia à disposição” declarou. Weintraub não esclareceu de quais universidades falava ou demonstrou a existência das plantações (Basílio, 2019).

Nesse sentido, o primeiro discurso, selecionado para compor os *corpora*, do ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub, contém elementos que corroboram o fracasso escolar no Brasil e trazem um acarretamento ideológico pejorativo para a educação brasileira. Seus enunciados, “Você tem plantações de maconha, mas não são três pés de maconha, são plantações extensivas de algumas universidades, a ponto de ter borrifador de agrotóxico. Porque orgânico é bom contra a soja para não ter agroindústria no Brasil, mas na maconha deles eles querem toda tecnologia à disposição,” sugerem que algumas universidades brasileiras estão envolvidas em atividades ilegais, como o cultivo extensivo de maconha. Logo, esse tipo de discurso descredibiliza as instituições de ensino superior, minando a confiança pública em sua capacidade de fornecer uma educação de qualidade.

Depois, ao não especificar quais universidades estariam supostamente envolvidas, Weintraub cria uma generalização que pode prejudicar a reputação de todas as universidades públicas, desencorajando a matrícula e o investimento em educação superior. Além disso, o discurso desvia a atenção dos problemas reais enfrentados pela educação brasileira, como a falta de recursos, infraestrutura inadequada e baixos salários dos professores. Em vez de discutir soluções, Weintraub se concentra em acusações infundadas, que não contribuem para a melhoria do sistema educacional.

O discurso de Weintraub também polariza ideologicamente a questão ao insinuar uma oposição entre a produção agrícola “orgânica” e a produção de “maconha” nas universidades, sugerindo que estas instituições têm agendas contrárias ao desenvolvimento agroindustrial do Brasil. Essa polarização associada à educação superior a uma ideologia contrária ao progresso econômico contribui para a estigmatização de estudantes e professores, retratando-os como cúmplices de atividades ilegais e reforçando preconceitos que podem levar à marginalização da comunidade acadêmica.

Além disso, ao disseminar informações falsas ou exageradas sobre as atividades das universidades, o discurso de Weintraub contribui para a desinformação, influenciando negativamente a opinião pública e dificultando o apoio a políticas educacionais baseadas em evidências. Este *modus operandi*, que envolve a desmoralização dos educadores e a erosão da confiança pública nas instituições de ensino, impacta diretamente a qualidade do ensino e os resultados escolares. Educadores e estudantes desmoralizados podem perder motivação e dedicação, resultando em um desempenho inferior e em uma menor qualidade de ensino.

Desse modo, ao focar em questões fabricadas ou exageradas, Weintraub pode desviar recursos e atenção de problemas críticos reais, como a melhoria das infraestruturas escolares e a formação de professores. Isso leva a uma alocação inadequada de recursos, que poderiam ser melhor utilizados para enfrentar desafios genuínos da educação. Além disso, a percepção de que as universidades estão envolvidas em atividades ilícitas pode desmotivar os estudantes, levando ao aumento da evasão escolar e à diminuição do engajamento acadêmico, contribuindo diretamente para o fracasso escolar ao reduzir o número de alunos que completam seus estudos com sucesso.

Conforme Maingueneau (1993), o *ethos* construído por Weintraub nesse discurso é o de descredibilização das instituições acadêmicas. Ele generaliza uma acusação sem evidências específicas, prejudicando a reputação de todas as

universidades públicas e desencorajando a matrícula e o investimento em educação superior. Amossy (1999) explica que tal abordagem gera um *ethos* negativo que influencia a percepção pública, promovendo desconfiança e desinformação.

Trespassando para o 2º discurso do *corpus* de análise, observa-se que Weintraub, antes de anunciar oficialmente as carteirinhas estudantis digitais e declarar sua intenção de enfraquecer entidades estudantis como a UNE e a Ubes, já direcionava seus ataques aos estudantes. Em um de seus posts no Twitter, Weintraub mencionava o “desespero na UNE” com o “fim da mamata”. Ele ainda satirizava o grupo, afirmando que “adora grana/vida fácil” e sugerindo o artesanato como uma das possíveis atuações para a entidade (Basílio, 2019). Ver imagem 2.

**Imagem 2** – “Desespero na UNE”; “fim da mamata”; “adora grana/vida fácil”.



**Fonte:** Basílio (2019).

O discurso do ex-ministro da Educação, antes de anunciar oficialmente as carteirinhas estudantis digitais e ao assumir a intenção de desidratar as entidades estudantis como UNE e UBES, reflete uma postura que contribui para o fracasso escolar no Brasil. Ao deslegitimar os representantes estudantis, estigmatizar os estudantes e polarizar o debate educacional, ele cria um ambiente que desencoraja o engajamento dos alunos, desvaloriza sua participação na vida acadêmica e política e dificulta o diálogo e a colaboração entre os membros da comunidade educacional. Ao rotular as entidades estudantis como beneficiárias de uma suposta “mamata” e sugerir que os



estudantes estão atrás de uma “vida fácil” e de “grana”, Weintraub deslegitima o papel dessas organizações na defesa dos interesses dos estudantes e desencoraja o engajamento dos jovens em atividades extracurriculares e na luta por seus direitos. Isso pode resultar em uma geração de alunos desmotivados e apáticos em relação às questões educacionais e sociais.

O discurso de Weintraub também estigmatiza os estudantes, retratando-os como preguiçosos e interessados apenas em benefícios pessoais, e polariza o debate educacional e político ao atacar as entidades estudantis e sugerir que são contrárias ao fim de privilégios injustos. Isso cria um clima de hostilidade e desconfiança dentro das instituições de ensino, dificultando a implementação de políticas e programas educacionais eficazes. Essa postura desvaloriza a participação dos estudantes na vida acadêmica e política, desestimula o diálogo e a colaboração entre estudantes, professores e autoridades educacionais e cria um ambiente escolar menos democrático e participativo.

Aqui, o *ethos* do discurso de Weintraub se traduz na deslegitimação dos representantes estudantis e estigmatização dos estudantes. Segundo Charaudeau (2008), ao rotular as entidades estudantis de forma pejorativa, ele desencoraja o engajamento dos jovens em atividades extracurriculares e na luta por seus direitos, promovendo um *ethos* de desvalorização da participação estudantil e polarização ideológica.

Na sequência, Weintraub nunca escondeu sua antipatia por Paulo Freire. Já em seu discurso de posse no MEC, o ministro questionou o legado do educador pernambucano: “Se temos uma filosofia de educação tão boa, Paulo Freire é uma unanimidade, por que temos resultados tão ruins?”, disparou, em abril. Não espanta a sequência de ataques. Também em suas redes sociais, o ministro reservou uma publicação para satirizar um mural com a imagem do educador em frente ao MEC, ofertando-o a Eduardo Bolsonaro que, na época, era cotado para assumir a embaixada brasileira em Washington, nos EUA. Posteriormente, em entrevista ao programa Morning Show, da Jovem Pan, Weintraub declarou não ter raiva de Paulo



Freire, ao que emendou: “Tem até um mural muito feio dele no MEC, assustando a criançada que passa por lá” (Basílio, 2019). Ver imagem 3.

**Imagem 3** – Se temos uma filosofia de educação tão boa, Paulo Freire é uma unanimidade, por que temos resultados tão ruins?; “Tem até um mural muito feio dele no MEC, assustando a criançada que passa por lá”.



**Fonte:** Basílio (2019).

No que se refere ao 3º *corpus*, os enunciados do ex-ministro da Educação, em relação a Paulo Freire revela uma antipatia clara pelo renomado educador brasileiro. Desde seu discurso de posse no Ministério da Educação (MEC), Weintraub questionou o legado de Freire, sugerindo uma conexão entre sua filosofia educacional e os resultados ruins do sistema educacional brasileiro. Essa abordagem sugere que a influência de Freire na educação brasileira contribui para os problemas enfrentados pelo país. Além disso, Weintraub utilizou suas redes sociais para satirizar um mural com a imagem de Paulo Freire em frente ao MEC, sugerindo que o mural fosse ofertado a Eduardo Bolsonaro, em um contexto no qual este era cotado para assumir a embaixada brasileira em Washington, nos EUA. Essa ação demonstra um desrespeito e uma tentativa de desqualificar a figura de Freire, associando-a a uma política que não condiz com a visão do governo.

Em entrevista ao programa Morning Show, da Jovem Pan, Weintraub reiterou sua posição, afirmando não ter raiva de Paulo Freire, mas desdenhando da presença de um mural com a imagem do educador em frente ao MEC, descrevendo-o como “muito

feito” e sugerindo que assusta as crianças que passam pelo local. Essa declaração contribui para uma atmosfera de desrespeito e desvalorização do legado de Freiriano, promovendo uma visão negativa de sua contribuição para a educação brasileira. O discurso de Weintraub descredibiliza a filosofia educacional de Paulo Freire, desvaloriza sua contribuição pedagógica e promove uma postura ideológica que desrespeita a diversidade de pensamento na educação. Ao atacar e desqualificar o legado de Freire, Weintraub polariza o debate educacional, promovendo uma narrativa que divide opiniões e dificulta o diálogo construtivo entre diferentes atores educacionais.

De acordo com Maingueneau (2005), o *ethos* pré-discursivo aqui é de descredibilização de uma figura central na educação brasileira. Weintraub constrói um *ethos* que desvaloriza a contribuição pedagógica de Freire, polarizando o debate educacional e promovendo uma narrativa divisiva que dificulta o diálogo construtivo.

Prontamente, de férias no destino turístico no estado do Pará, o ministro da Educação se envolveu em um bate-boca com manifestantes que o esperavam nas imediações de um restaurante em que Weintraub estava com a família. Moradores utilizaram um microfone em uma praça próxima para criticar as últimas ações do ministro frente ao Ministério da Educação: “Não somos balbúrdia, cota não é esmola, bem-vindo a Alter do Chão”, diziam os manifestantes ao microfone. Eles também entregaram ao ministro um prato de cafta, satirizando a gafe do gestor ao confundir o alimento árabe com Franz Kafka, o escritor tcheco. O ministro se dirigiu ao microfone da praça e rebateu os manifestantes, acirrando o bate-boca: “Eu queria só mostrar a diferença da esquerda e de quem não é de esquerda. Eu com a minha família aqui, três crianças pequenas. Nunca roubei, não sou do PT, nunca recebi bolsa, e vocês vem tentar me humilhar em frente aos meus filhos”, disse (Basílio, 2019).

Diante disso, consoante o 4º discurso selecionado no *corpus* para análise, os enunciados citados pelo ex-ministro empregam uma retórica personalizada e ideologicamente carregada para destacar uma suposta diferença entre aqueles que se

identificam com a esquerda política e os que não se identificam. Ao mencionar sua família e suas crianças pequenas, ele busca criar uma imagem de integridade e honestidade, sugerindo que ele e sua família são exemplos de cidadãos que não são associados à corrupção ou ao partido político PT (Partido dos Trabalhadores). Este discurso desvia o foco dos problemas reais do sistema educacional, personalizando o debate e desqualificando qualquer crítica como uma tentativa de humilhação. Conforme Charaudeau (2008), essa abordagem estigmatiza os críticos e adversários políticos, promovendo um ethos que desvaloriza o diálogo e o debate construtivo.

No entanto, essa abordagem do ex-ministro desvia o foco dos problemas reais enfrentados pelo sistema educacional brasileiro, como a falta de investimento, infraestrutura precária, baixa qualidade de ensino e desigualdade de acesso à educação de qualidade. Ao personalizar o discurso e desqualificar qualquer crítica como uma tentativa de humilhação injusta, Weintraub promove uma narrativa de vitimização que não aborda os desafios educacionais reais. Além disso, ao associar a esquerda política à corrupção e à tentativa de humilhação, Weintraub estigmatiza os críticos e adversários políticos, sugerindo que são desonestos e moralmente inferiores. Isso contribui para a polarização do debate educacional e político, ao criar uma divisão entre aqueles que se identificam com a esquerda e os que não se identificam, sem abordar as complexidades e nuances dos desafios educacionais enfrentados pelo Brasil.

Ao retratar as críticas como tentativas de humilhação e associar o debate político à desonestidade e corrupção, Weintraub desvaloriza o diálogo e o debate construtivo, dificultando a busca por soluções eficazes para os problemas educacionais do país. Isso pode desestimular a participação cidadã e o engajamento político, ao sugerir que aqueles que expressam críticas são desonestos e buscam humilhar seus oponentes.

Logo depois, 5º discurso, após anunciar contingenciamento de 30% para universidades e institutos federais sobre os gastos discricionários, e explicar o corte em transmissão ao vivo no Facebook, ao lado do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, o ministro da educação espalhou cem unidades de chocolates sobre a mesa, tirou três

deles do bolo e comparou o corte no MEC a uma ‘separação’: “Estou pedindo para que se coma esses três chocalatinhos e meio depois, em setembro, só isso. Isso é segurar um pouco. E agora ficam espalhando que a gente fica fechando tudo”, disse (Basílio, 2019). Ver imagem 4.

**Imagem 4** – “Estou pedindo para que se coma esses três chocalatinhos e meio depois, em setembro, só isso. Isso é segurar um pouco. E agora ficam espalhando que a gente fica fechando tudo”.



**Fonte:** Basílio (2019).

Nesse sentido, no discurso supracitado, o ex-ministro utiliza uma metáfora simplista ao comparar a liberação de verbas para a educação com a ação de comer chocolates. Essa abordagem trivializa a complexidade dos problemas enfrentados pelo sistema educacional brasileiro, reduzindo-os a uma questão superficial e temporária de “segurar um pouco”. Ao fazer isso, Weintraub desvaloriza a importância da educação como um investimento fundamental para o desenvolvimento do país e minimiza os desafios educacionais reais, como a falta de infraestrutura, a baixa qualidade de ensino e a desigualdade de acesso à educação de qualidade. A metáfora trivializa a complexidade dos problemas enfrentados pelo sistema educacional brasileiro, desvalorizando a importância da educação como um investimento fundamental para o desenvolvimento do país. Segundo Amossy (2005), essa postura reflete um ethos de desprezo pela educação pública e minimização dos desafios educacionais reais, contribuindo para o fracasso escolar.

Outrossim, a abordagem de Weintraub reflete um desprezo pela educação pública e uma falta de compromisso com a melhoria do sistema educacional. Certamente, ao comparar a alocação de recursos para a educação com o consumo de chocolates, ele sugere uma visão superficial e descompromissada em relação aos problemas educacionais enfrentados pelo Brasil. Essa postura também desqualifica as críticas e os questionamentos sobre as políticas educacionais do governo, retratando aqueles que expressam preocupações legítimas como difamadores ou alarmistas. Essa atitude contribui para uma narrativa ideológica que estigmatiza os críticos e dificulta o diálogo construtivo sobre questões educacionais importantes. Weintraub desvia a responsabilidade do governo em relação aos problemas educacionais do país, retratando as críticas como ataques infundados ou exagerados. Isso dificulta a prestação de contas e a busca por soluções eficazes para os desafios enfrentados pelo sistema educacional brasileiro.

Por fim, o 6º discurso analisado, e que compõe o *corpus* do estudo, foi pronunciado em maio de 2019, quando o ministro da educação anunciou corte de recursos para universidades que não apresentassem rendimento acadêmico esperado e, ao mesmo tempo, promovessem ‘balbúrdia’ dentro de seus campuses. Inicialmente, Weintraub condenou as federais de Brasília (UNB), Federal Fluminense (UFF) e da Bahia (UFBA). À época ele afirmou que era comum encontrar sem-terras dentro dos campuses e gente pelada. Após críticas, o MEC expandiu o corte para todas as universidades federais do País (Basílio, 2019). Conforme Maingueneau (1993), ao associar os cortes de recursos à ideia de ‘balbúrdia’, Weintraub desvaloriza a educação superior e promove a polarização do debate educacional. Isso dificulta o diálogo construtivo sobre os desafios enfrentados pelo ensino superior no Brasil e contribui para um ethos que desvaloriza o ensino público e estigmatiza a comunidade acadêmica.

No discurso do ex-ministro Weintraub, ao anunciar cortes de recursos para universidades que não apresentassem rendimento acadêmico esperado e que, segundo ele, promovessem ‘balbúrdia’ dentro de seus campi, são refletidos efeitos de sentido que

corroboram o fracasso escolar, promovendo acarretamentos ideológicos pejorativos e que revelam um *modus operandi* que concebe o fracasso escolar na educação do Brasil. Ao associar os cortes de recursos à ideia de ‘balbúrdia’ dentro das universidades, Weintraub desvaloriza a importância da educação superior como um pilar fundamental para o desenvolvimento educacional e intelectual do país. Isso pode contribuir para o fracasso escolar ao minar os recursos necessários para a manutenção e o avanço das instituições de ensino superior. Além disso, ao condicionar a manutenção dos recursos à apresentação de um rendimento acadêmico esperado, Weintraub desestimula a produção científica e acadêmica, prejudicando a qualidade e a relevância do ensino e da pesquisa nas instituições de ensino superior.

Os comentários de Weintraub sobre as universidades promovem a polarização do debate educacional, ao criar uma dicotomia entre aquelas que ele considera produtivas e aquelas que ele considera promover ‘balbúrdia’. Isso dificulta o diálogo construtivo sobre os desafios enfrentados pelo ensino superior no Brasil. Ademais, ao afirmar que era comum encontrar ‘sem-terras’ e pessoas ‘peladas’ dentro dos campi das universidades, Weintraub promove uma estigmatização das instituições de ensino superior e de seus corpos discentes, desqualificando e menosprezando a importância das universidades e dos estudantes universitários. Os cortes de recursos anunciados por Weintraub refletem um *modus operandi* que desvaloriza o ensino público e promove a privatização da educação, ao limitar os investimentos nas instituições públicas em detrimento das privadas. Isso pode dificultar o acesso e a permanência de estudantes de baixa renda nas universidades, limitando as oportunidades de acesso à educação superior para grupos historicamente marginalizados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de mais nada, é fundamental esclarecer que, embora nossa pesquisa tenha utilizado os discursos de Abraham Weintraub como *corpus*, bem como sua imagem e outros exemplos em contextos de polarização política, este estudo não adota qualquer

posicionamento político. O foco da análise foi o poder e a soberania discursiva durante seu período parlamentar. Defendemos a *tese* metafórica de que o *ethos* discursivo negacionista de um líder estatal atua de forma análoga a uma doença infectocontagiosa que desencadeia sintomas de fracasso escolar. Ou seja, com base nas defesas ao longo deste artigo, *ethos infeccioso* metafórico torna-se aqui uma das extremidades do fracasso escolar, mais uma possível explicação para um problema educacional tão abrangente. Em outras palavras, qualquer figura política ou pública que, dentro de suas atribuições legais, possua legitimidade e credibilidade, pode construir um *ethos* infeccioso, e no caso do presente estudo o *ethos* de fracasso escolar. Tal figura pode disseminar sua aversão à educação pública por meio de discursos distorcidos e mal-informados, contribuindo para a erosão da qualidade educacional, promovendo deslegitimação e descredibilidade da educação brasileira.

Ademais, os discursos de Abraham Weintraub funcionam como agentes etiológicos que introduzem uma infecção no sistema educacional. Por exemplo, a declaração de que “Você tem plantações de maconha, mas não são três pés de maconha, são plantações extensivas de algumas universidades, a ponto de ter borrifador de agrotóxico” sugere uma desvalorização das instituições acadêmicas, comparando-as a centros de cultivo ilegal. Essa analogia insidiosa semeia desconfiança e descrédito, atuando como um patógeno que penetra no organismo. A patogênese desses discursos manifesta-se na maneira como eles corroem a estrutura educacional, assim como um patógeno causa danos ao hospedeiro. Nesse sentido, a afirmação “Se temos uma filosofia de educação tão boa, Paulo Freire é uma unanimidade, por que temos resultados tão ruins?” não apenas questiona a eficácia de um renomado educador, mas também promove uma visão depreciativa do sistema educacional. Essa retórica dissemina incertezas e hostilidade, comprometendo a coesão e a confiança no ambiente educacional.

Além disso, os sinais e sintomas da infecção discursiva incluem a disseminação de desinformação e a polarização do ambiente escolar. Declarações como “Desespero



na UNE; fim da mamata; adora grana/vida fácil” são sintomas evidentes de um discurso que visa deslegitimar e estigmatizar instituições e indivíduos envolvidos na educação. Esses sinais refletem um ambiente de desconfiança e hostilidade, semelhante aos sintomas físicos de inchaço e febre causados por uma infecção. A incidência dessa infecção discursiva pode ser medida pelo aumento no número de indivíduos que adotam e propagam essas ideias negacionistas, enquanto a prevalência reflete o número total de pessoas que sustentam essas crenças. A afirmação “Eu queria só mostrar a diferença da esquerda e de quem não é de esquerda. Eu com a minha família aqui, três crianças pequenas. Nunca roubei, não sou do PT, nunca recebi bolsa, e vocês vêm tentar me humilhar em frente aos meus filhos” exemplifica a polarização e a criação de uma narrativa divisiva que pode perpetuar-se e intensificar-se na população.

Consequentemente, os reservatórios dessa infecção são os indivíduos e grupos que sustentam e propagam os discursos negacionistas, atuando como portadores assintomáticos ou latentes. Weintraub, com declarações como “Estou pedindo para que se coma esses três chocolatinhos e meio depois, em setembro, só isso. Isso é segurar um pouco. E agora ficam espalhando que a gente fica fechando tudo e Balbúrdia”, atua como um vetor que dissemina desinformação, sem necessariamente apresentar sintomas visíveis de suas consequências imediatas. A transmissão ocorre tanto por contato direto, através de declarações públicas e interações pessoais, quanto por contato indireto, através de mídias sociais e outras plataformas de comunicação.

Portanto, a análise do *ethos* infeccioso do fracasso escolar, utilizando a analogia com infecções biológicas, como apontado no estudo de pioneiro de Macêdo Júnior (2024), revela como os discursos negacionistas de Abraham Weintraub atuam como agentes patogênicos no sistema educacional brasileiro. Eles infiltram-se e desenvolvem-se no ambiente escolar, causando danos estruturais e funcionais que se manifestam em sinais e sintomas visíveis e invisíveis. Para combater essa infecção discursiva, é crucial identificar e neutralizar os reservatórios e vetores de desinformação, promovendo um ambiente educacional saudável e baseado em evidências científicas.

Por conseguinte, a análise dos discursos do ex-ministro da Educação, Weintraub, revela a construção de novos *ethé* e *ethos* (ver quadro 2) que permeiam suas falas, contribuindo para uma visão negativa e desvalorizada do sistema educacional brasileiro. Weintraub adota uma retórica polarizadora e deslegitimadora, que promove uma narrativa de desconfiança e estigmatização das instituições de ensino e dos profissionais da área. Os discursos de Weintraub refletem um *ethos* infeccioso de fracasso escolar, que descredibiliza as instituições educacionais, estigmatiza estudantes e professores, e desvaloriza a importância da educação pública. Ao disseminar informações falsas e generalizações prejudiciais, Weintraub contribui para a propagação de desinformação e desvio de recursos e atenção dos problemas reais enfrentados pelo sistema educacional brasileiro.

Além disso, os discursos do ex-ministro promovem uma polarização ideológica do debate educacional, dificultando o diálogo construtivo e colaborativo entre os diferentes atores educacionais. Weintraub deslegitima críticas e questionamentos legítimos, desestimulando a participação cidadã e promovendo uma visão simplista e superficial dos desafios educacionais do país. O *modus operandi* adotado por Weintraub revela uma postura que contempla o fracasso escolar, ao desvalorizar a educação pública, estigmatizar universidades e seus corpos discentes, e promover a dificuldade de acesso e permanência na universidade. Ao limitar os investimentos nas instituições públicas e promover uma visão negativa do ensino superior, Weintraub contribui para a perpetuação das desigualdades educacionais e dificulta o avanço de políticas eficazes para a melhoria do sistema educacional brasileiro.

As indagações que estruturam este estudo — particularmente: como determinados discursos contribuem para a perpetuação e intensificação do fracasso escolar no Brasil? e de que maneira os enunciados negacionistas do ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub, operam como um “*ethos* infeccioso”, intensificando simbolicamente tal fracasso dentro do sistema educacional brasileiro? — encontram sustentação teórica especialmente robusta quando revisitadas à luz das formulações

foucaultianas em *A Arqueologia do Saber* (2005) e *A Ordem do Discurso* (1996). Nesse sentido, as questões norteadoras ganham outra espessura interpretativa quando recolocadas dentro da problemática foucaultiana sobre a raridade, o controle e a circulação dos discursos. Foucault (2005) antecipa a necessidade de interrogar não apenas *o que* é dito, mas sobretudo *quem* pode dizer; e, ao fazê-lo, ilumina precisamente o processo pelo qual o discurso de Weintraub conquistou aderência social significativa. É nesse horizonte que o filósofo formula o seguinte questionamento fundamental:

“quem fala? Quem, no conjunto de todos os sujeitos falantes, tem boas razões para ter esta espécie de linguagem? Quem é seu titular? Quem recebe dela sua singularidade, seus encantos, e de quem, em troca, recebe, se não sua garantia, pelo menos a presunção de que é verdadeira? Qual é o status dos indivíduos que têm – e apenas eles – o direito regulamentar ou tradicional, juridicamente definido ou espontaneamente aceito, de proferir semelhante discurso?” (Foucault, 2005, p. 56).

Ao assumir o Ministério da Educação, Weintraub passa a ocupar precisamente o *locus* privilegiado descrito por Foucault como o ponto de enunciação autorizado, isto é, aquele lugar institucional no qual o sujeito é investido de um regime de competência discursiva previamente sustentado pela malha jurídico-política do Estado. Nessa posição, ele se torna, para utilizar o vocabulário foucaultiano, o “sujeito que questiona, [...] que observa, [...] que fica situado a uma distância perceptiva ótica cujos limites demarcam a parcela de informação pertinente” (Foucault, 2005, p. 58). O status conferido pela função ministerial não apenas legitima sua fala, mas também lhe atribui o poder de transformar enunciados ideológicos em discursos dotados de aparência de verdade. É justamente essa institucionalidade que amplifica a potência de seu *ethos infecioso* e produz os efeitos de credibilidade que favorecem a recepção social de seus discursos sobre educação e universidades.

Em *A Ordem do Discurso*, Foucault aprofunda essa problemática ao afirmar que, em toda sociedade, o discurso não circula livremente; ao contrário, ele é “controlado, selecionado, organizado e redistribuído por certo número de procedimentos que têm por

função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (Foucault, 1996, p. 8-9). A partir desse pressuposto, é possível compreender que expressões como “balbúrdia” não se configuram como meros ataques retóricos, mas como operações discursivas que produzem efeitos de verdade ao constituírem certos sujeitos (universidades, estudantes, professores) como desordeiros e ineficientes, articulando uma cadeia causal que vincula suposta desordem a fracasso acadêmico. Assim, o discurso opera como instrumento de gestão simbólica, produzindo uma imagem depreciativa das instituições federais de ensino e legitimando a adoção de sanções políticas — como os cortes orçamentários — sob a aparência de medidas disciplinadoras.

A dinâmica analisada revela, por conseguinte, a atuação simultânea de procedimentos internos e externos de controle discursivo. O procedimento interno aparece quando Weintraub, a partir de sua função institucional, reforça a autoridade de seu próprio discurso e o utiliza para impor critérios de valoração do que seria um comportamento aceitável no ambiente universitário. Já os procedimentos externos tornam-se visíveis quando, após reações públicas adversas, os cortes inicialmente direcionados são ampliados para toda a rede federal, demonstrando que a ordem discursiva também é atravessada por pressões, resistências e disputas provenientes do campo social.

Os procedimentos externos definidos por Foucault ajudam a elucidar as engrenagens desse processo. O primeiro deles — a interdição — é especialmente relevante, pois revela que “não se tem o direito de dizer tudo, [...] que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala” (Foucault, 1996, p. 9). Weintraub, por ocupar o ponto de enunciação autorizado dentro da estrutura de Estado, não apenas *pode* falar sobre educação, como o faz sob a presunção de legitimidade que o cargo lhe confere. Seu discurso, portanto, não é interdito; ao contrário, ele ocupa o lugar de máxima autorização institucional.

O segundo procedimento — separação/rejeição — manifesta-se quando o ex-ministro contrapõe sua posição de sujeito autorizado a um outro sujeito que ele constitui como desqualificado: o “baderneiro”. Essa categoria, produzida discursivamente, opera de maneira semelhante à distinção medieval entre razão e loucura explicitada por Foucault: “o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ser que a sua palavra seja considerada nula [...] não tendo verdade nem importância” (Foucault, 1996, p. 10-11). Ao definir estudantes e professores como “baderneiros”, Weintraub produz uma zona de exclusão pela qual o discurso desses sujeitos é deslegitimado a priori.

O terceiro procedimento — a vontade de verdade — reforça ainda mais essa assimetria, pois “essa vontade de verdade [...] tende a exercer sobre os outros discursos [...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (Foucault, 1996, p. 17-18). O discurso de Weintraub se ancora justamente nessa “vontade de verdade” sustentada por sua instituição de origem: o Estado. Ele se apresenta como aquele que detém o saber legítimo sobre educação e, com isso, exerce um poder de coerção simbólica sobre o imaginário social, definindo quem é verdadeiro e quem é falso, quem trabalha e quem promove “balbúrdia”.

Reconhecer esse regime de funcionamento discursivo é fundamental para compreender como tais enunciados, ao definirem categorias depreciativas e ao atribuírem sentidos ideologicamente orientados às instituições públicas, contribuem para a manutenção estrutural do fracasso escolar no Brasil. O discurso do ex-ministro não atua isoladamente, mas insere-se em redes de poder que reforçam desigualdades, desqualificam saberes institucionais e comprometem a construção de políticas educacionais comprometidas com a equidade. Os aportes foucaultianos (1996; 2005) permitem, assim, fundamentar teoricamente as inquietações deste estudo, demonstrando como novos *ethé* — particularmente os de efeitos de sentido, de acarretamento ideológico e de *modus operandi* que naturalizam o fracasso escolar — se instalam e se reproduzem no tecido social. Combater tais *ethé* torna-se imperativo analítico e político,

na medida em que somente o desmonte crítico desses regimes discursivos permite subverter suas funções de controle, exclusão e perpetuação das desigualdades educacionais.

## REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. La noción de *ethos* de la retórica al análisis del discurso. **Amossy, Ruth (dir.)**, 1999.

AMOSSY, Ruth. O *ethos* na interseção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2005.

ARAGÃO, Verônica. **A construção do *ethos* da presidente Dilma Rousseff em charges jornalísticas**, 2013. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

ARISTÓTELES. **Retórica**. 2. ed. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Biblioteca de autores clássicos. Branca Vilallonga (Departamento Editorial da INCM), 2005.

BASÍLIO, Ana Luiza. Educação: 9 vezes em que Abraham Weintraub se mostrou inimigo da educação. **Carta Capital**, 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/9-vezes-em-que-abraham-weintraub-se-mostrou-inimigo-da-educacao/>. Acessado em: 01 jul. 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**; Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2006.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 14 ed. São Paulo: EDIÇÕES LOYOLA, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MACÊDO JÚNIOR, Adriano Menino. O discurso como infecção: análise do impacto o discurso negacionista de um chefe de estado durante e após a pandemia de Covid-19. **Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica, IF – Sophia**, v. 10, n. 27, 2024.

MAINGUENEAU, Dominique. **O ethos**. In: Análise de textos de comunicação. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Tendências da análise do discurso**. 2ª Ed. Campinas: Pontes, 1993.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

NEVES, David Pereira; LANE DE MELO, Alan; LINARDI, Pedro Marcos; ALMEIDA VITOR, Ricardo W. **Parasitologia humana** / David Pereira Neves. 13. ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2016.

TORTORA, Gerard J.; FUNKE, Berdell R.; CASE, Christine L. **Microbiologia**. tradução: Aristóbolo Mendes da Silva ... [et al.]; revisão técnica: Flávio Guimarães da Fonseca. – 10. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2012.